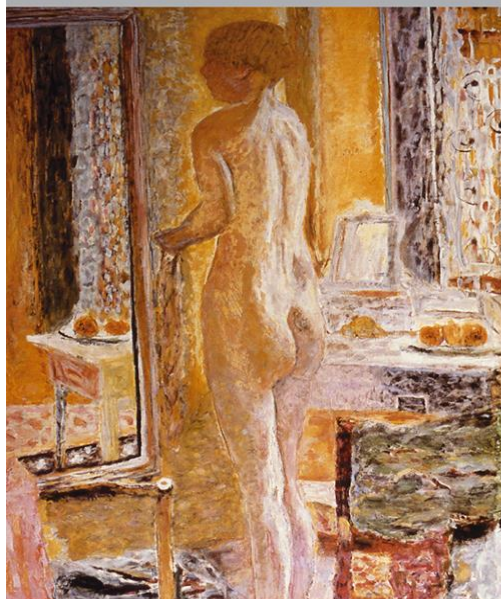


# PRESS RELEASE EDITORIAL

<b>Título</b>	<i>O Declínio da Mentira</i>		
<b>Autor</b>	Oscar Wilde		
<b>Editora</b>	Nova Vega		
<b>Colecção</b>	Passagens		
<b>Género</b>	Ensaio	<b>Edição</b>	5.ª edição
<b>Páginas</b>	72	<b>Data</b>	20-04-2015
<b>Ilustrações</b>	Não tem	<b>Preço</b>	8,00 € + IVA (8,48 €)
<b>Formato</b>	11 x 19 cm	<b>ISBN</b>	978-989-750-024-4
<b>Acabamento</b>	brochado	<b>EAN</b>	9789897500244

Oscar Wilde

O declínio da mentira



Passagens

5.ª Edição

## Sobre o livro

*O Declínio da Mentira*, sendo um texto que vale por si próprio, inscreve-se numa longa tradição do pensamento ocidental, ou seja, a da permanente tensão entre a arte e a vida. Em si mesma esta contradição é irresolúvel, mas sempre que surge é de uma forma dramática. Basta pensar na acusação radical que Platão endereçou aos poetas, e a sua sentença sumária de que deveriam ser expulsos da Cidade. Na modernidade é com Nietzsche que se dá a inversão de tendência, passando a arte – a ficção – a mais verdadeira que a «verdade» porque sabe que trabalha com mentiras, enquanto os que defendem a verdade não o sabem. Oscar Wilde é eminentemente moderno neste texto, e a sua ironia profunda realiza todo o programa do romantismo, sumariado na famosa definição de Yeats: «A verdade é beleza, a beleza é verdade». Esta identidade é, porém, sempre precária e, de certo modo, o esteticismo de Wilde é o melhor sinal dessa precaridade, pois a vida não sofre lições da arte, embora seja a arte que a «salva» na sua melhor forma. Entre a afirmação de Wilde de que «a derradeira revelação é que a mentira, o acto de contar belas coisas não verdadeiras, é o propósito exclusivo da arte» e o paradoxo de Pessoa para quem «o poeta é um fingidor,/que chega a fingir que é dor/a dor que deveras sente», surge uma superação do esteticismo, que deixa entrever o sofrimento como a verdade da arte, e não o belo. *O Declínio da Mentira*, de Oscar Wilde, é um ponto de passagem essencial para pensar esta questão.

## Sobre o autor

Oscar Wilde (1854-1900) foi o maior escritor da Inglaterra vitoriana. Embora nascido na Irlanda, cedo assumiu um papel central na cena londrina por meio da sua excentricidade e extremismo de convicções e posições em relação à hipocrisia da sociedade da era da Rainha Vitória. Ligado ao movimento esteticista, ao qual deu corpo a partir das doutrinas de Walter Pater, importou de forma adaptada as correntes mais inovadoras da Europa continental, nomeadamente o simbolismo, e tornou-se no mais celebradamente discutido dramaturgo da altura, com peças tão relevantes como *A Importância de Se Chamar Ernesto* ou *Salomé*. Algumas das suas provocações doutrinaárias no domínio da Estética («A vida imita a arte», por exemplo) tornaram-se em dogmas dos tempos modernos. Além de alguns ensaios, dois títulos seus assumem particular importância: *O Retrato de Dorian Gray* e *Carta a Lord Douglas*.

## Destaques

Reedição de um dos mais famosos ensaios de Oscar Wilde.

Edição e  
Distribuição



Edição e Distribuição de Publicações, Lda.

Apartado 4352 • 1503-003 Lisboa • Tels. 217 781 028 / 309 958 263 • Fax 217 786 295  
E-mail: [editorial@novavega.mail.pt](mailto:editorial@novavega.mail.pt) • [www.novavega.pt](http://www.novavega.pt)